

VII

DO CREPÚSCULO À AURORA ...

A CIVILIZAÇÃO INDUSTRIAL *

Jean Dorst

Ninguém duvida de que, sob sua forma atual, a civilização industrial se encontra à beira do declínio. Contudo, sob uma forma diferente ela continua a ser a única possível, considerados o número e as necessidades dos homens. O desaparecimento da espécie humana não seria, certamente, a consequência inelutável de sua irremediável degradação. Os grupos que permanecem num estágio “primitivo” haveriam de sobreviver na Amazônia, na Nova Guiné e alhures. Depois de tudo, a história poderia recomeçar, lançando os homens novos ramos¹, quem sabe para reconstituir, ao cabo de um milênio, uma nova sociedade industrial de características semelhantes à nossa. Isto parece inscrever-se na linha de toda evolução.

Mas não cedamos à imaginação. Tudo indica que estamos participando da *última* forma de civilização possível. Tudo o que se imaginou, até aqui, para substituí-la não passa de impossível retorno, sonho sedutor, porém vão.

Nada a temer hoje ...

Importa dissipar o temor e negar uma série de contraverdades e contrafações da realidade, insistentemente divulgadas por certos alarmistas: para o futuro próximo, o apocalipse ecológico não passa de ficção de má qualidade. Nenhum dos danos até agora causados à biosfera e aos mecanismos indispensáveis à vida é irreversível. Nenhuma perturbação grave foi claramente evidenciada em escala planetária. E, no entanto, quantos capítulos sombrios nas obras dos autores de “ecologia-ficção”! A alternativa por eles oferecida é esta: ou morrer incontinenti por efeito do calor, do frio, do átomo ou das inumeráveis moléculas tóxicas, ou perecer asfixiados pela falta de oxigênio ou pelo excesso de gases deletérios.

* Dorst, J. A Força do Ser Vivo. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Melhoramentos/EDUSP, cap.VII, p.117-131, 1981.

1 Tal como uma árvore expande o seu tronco.

Mas amanhã ...

Não obstante, alguns desses sombrios prognósticos poderiam, no futuro, transformar-se em realidade se continuarmos a acumular erros como temos feito até aqui. Chegou a hora de mudar radicalmente nossa atitude para com a Natureza e para com o ambiente tradicional legado pelos que nos precederam no correr dos séculos. Se fracassarmos, então sim, poderemos temer o desaparecimento de nossa civilização atual, segundo vários prognósticos.

Suponhamos que nossas atividades continuem a crescer no mesmo ritmo observado de um século para cá. Graves rupturas de equilíbrio afetariam tanto os fluxos de matérias-primas quanto os sistemas naturais do planeta. A superatividade dos homens, tornada patológica, bloquearia alguns dos mecanismos essenciais da biosfera, tanto mais facilmente quanto temos o poder de tornar ineficazes as retroações capazes de frear os processos danosos.

Assistir-se-ia então a uma modificação significativa dos climas e das condições atmosféricas necessárias à manutenção da vida sobre a face da Terra. É esta, atualmente, uma questão tão controversa, que não é difícil emitir um julgamento a respeito da evolução dos climas do globo²,

As indústrias humanas liberaram na atmosfera o calor, partículas sólidas, fuligens, fumaças e poeiras, excesso de vapor de água e de gás carbônico. A composição do ar foi acentuadamente modificada pela mobilização de uma massa considerável de carbono subtraída até agora ao ciclo normal desse elemento, estocado sob a forma de carvão e petróleo.

A taxa de gás carbônico, com efeito, aumentou significativamente. Ao ritmo atual, e levando-se em conta o crescimento previsível das atividades industriais, no prazo de um século será liberada uma quantidade vinte vezes maior de carbono, sob a forma de gás. No ano 2150, o ar conterá de quatro a oito vezes mais carbono do que na época anterior à Revolução Industrial, o que produziria um “efeito de estufa”. A radiação solar penetraria mais facilmente na atmosfera, e a dispersão da energia após a reflexão e a conversão em raios infravermelhos seria reduzida. A temperatura média aumentaria, acredita-se, de uns 6°C. As conseqüências seriam consideráveis: elevação das temperaturas oceânicas, fusão dos gelos polares, aumento do nível dos mares e inundações marinhas a varrer os continentes, subversão da carta climática do globo e, conseqüentemente, das cartas da agricultura e da pesca.

Contudo, é difícil apreciar a extensão das modificações, pois os sistemas reguladores da atmosfera são muito poderosos. Toda modificação de equilíbrio térmico acarreta mudança nas taxas de vapor de água e da nebulosidade, o que tem o efeito de alterar as temperaturas previstas pela teoria. Ademais, os vegetais fixam melhor o gás carbônico quando banhados numa atmosfera mais rica nesse gás.

2 Além das publicações altamente especializadas, podem-se consultar o artigo de R. A. Bryson, *Science*, EBC, 1974, as contribuições publicadas na revista *Mazingira*, 1, 1977, o artigo de R. R. Revelle e D. C. Shapero, *Environmental conservation*, 5 (2), 1978 (este último resume as conclusões de pesquisas realizadas recentemente sob a égide da Academia Nacional das Ciências dos Estados Unidos).

Outras perturbações climáticas graves poderiam provir das poeiras finas, com as quais as atividades industriais sobrecarregam a atmosfera em densidade cada vez maior. Dispersas em aerossóis, elas perturbam as trocas de energia no ar que nos rodeia e provocam um resfriamento, ou seja, uma modificação do equilíbrio térmico em proporção inversa à do enriquecimento em gás carbônico, consequência da maior reflexão dos raios solares assim impedidos de chegar ao solo. O que ocorreu no noroeste da Índia reproduzir-se-ia em escala global. Na realidade, porém, é duvidoso que a ação humana possa ter um alcance planetário. O que lançamos na atmosfera não representa senão uma fração — um décimo, segundo alguns — da massa constituída pelas projeções naturais emanadas dos vulcões, dos materiais sólidos levados pela erosão eólica natural e pelos nevoeiros marinhos. Não se deve, entretanto, negligenciar a parte das matérias em suspensão pela qual o homem é responsável, porquanto em equilíbrios tão delicados um pouco mais é quase sempre excesso. Simplesmente, deve-se considerar o fenômeno em sua verdadeira grandeza e julgar lhe os efeitos com toda seriedade.

É difícil avaliar a extensão da influência humana porque, longe de ser fixo, o clima geral do globo evolui de forma espontânea. Um sistema tão complexo não poderia responder de maneira simples à ação humana. Os efeitos, claro está, seriam menores do que os produzidos pelas sérias flutuações advindas no curso dos períodos geológicos mais recuados, origem de rápidas mutações e transformações dos seres vivos, mas nunca da extinção da vida. Mas nem por isso as condições de existência do homem poderiam deixar de ser modificadas profundamente, o que nos convida a uma rigorosa vigilância.

Os gases residuais lançados de aviões supersônicos que queimam as derradeiras reservas de petróleo para voar mais depressa e mais alto³ justificam o receio de uma diminuição significativa da camada de ozônio responsável, nos estratos mais elevados, pela filtração dos raios ultravioleta nocivos ao solo. Um poucas dezenas de Concorde e outros aviões supersônicos não exercem qualquer influência. Mas será a mesma coisa quando, segundo as previsões atuais, uns trezentos aviões desse tipo estiverem voando em 1990, e mil no ano 2000? Afirma-se que os aperfeiçoamentos técnicos permitirão reduzir a taxa dos derivados nitrícos. Oxalá seja verdade.

Outras degradações resultantes da poluição generalizada do planeta virão acrescentar seus efeitos, caso as atividades industriais continuem a aumentar indefinidamente. As poluições já não são controláveis após ultrapassarem um certo limite, e para eliminá-las é necessário despender uma energia cada vez mais cara. Haverá a tentação de economizá-la, principalmente em períodos de crise aguda. Alguns mecanismos ecológicos ver-se-iam então virtualmente paralisados. O

3 Os gases de escapamento dos reatores contêm óxidos de azoto que destroem o ozônio, reduzindo-o ao estado de simples oxigênio. Ademais, eles aumentam a densidade dos aerossóis na atmosfera (E.A. Brun). Os especialistas, contudo, não estão de acordo sobre este ponto. Segundo alguns, o Concorde e os aviões supersônicos que voam a menos de 25.000 m produziram, pelo contrário, o ozônio!

Convém lembrar, também, que o freon — palavra que designa o conjunto de diversos compostos fluorados inertes, líquidos ou gasosos, empregados na refrigeração e nos aerossóis — liberado cada vez que se aciona uma das inúmeras “bombas” que espalham em finas gotículas produtos de limpeza ou produtos de beleza, é também um agente destruidor do ozônio atmosférico.

processo seria tanto mais grave porque acompanhado da poluição térmica, conseqüência das calorias improdutivas lançadas pelas centrais geradoras de energia e por inúmeras outras indústrias. As modificações do clima, ao menos em escala local ou regional, e as mudanças no equilíbrio térmico dos rios e mares ao nível do planalto continental teriam efeitos desastrosos sobre a produtividade e sobre as trocas biológicas no interior de meios vitais à biosfera inteira.

Aliás, cumpre não esquecer que se a indústria nuclear se desenvolver exageradamente serão muito maiores as possibilidades de acidentes, a despeito da segurança dos processos atualmente praticados.

Aí estão, pois, alguns dos argumentos imaginados para anunciar o fim dos tempos. Sua probabilidade é ínfima. Para além de nossa loucura e de nossos comportamentos irresponsáveis, só aos deuses pertence o poder de erradicar a vida da face da Terra. Em compensação, dispõe o homem do poder de tornar impossível sua própria vida e de destruir a civilização atual. O meio mais seguro para isso, já largamente praticado, é continuar a esgotar os recursos naturais, minerais ou biológicos. A erosão acelerada ganha amplitude, roendo insidiosamente o solo arável, único meio de sobrevivência da humanidade até o fim dos tempos. Apesar dos esforços, nada de decisivo foi empreendido até agora para dominar realmente esse flagelo. Os desgastes revestem-se de amplitude considerável nas regiões tropicais, justamente onde se encontram os países do Terceiro Mundo. Decorrido um século, dez milhões de quilômetros quadrados foram aí dilapidados em pura perda. As florestas continuam a ser cortadas para a obtenção de madeira e para o estabelecimento de culturas industriais. Tais operações, que numa primeira etapa aumentam o potencial agrícola, são executadas em detrimento de terras cada vez menos propícias ao cultivo. Deixarão elas atrás de si superfícies arruinadas, onde se poderá manter apenas uma economia de subsistência. Fome generalizada, provocada por uma penúria alimentar efetiva, terá sérias conseqüências biológicas sobre as populações humanas, decorrendo daí graves agitações sócio-políticas, o que abalará o conjunto daquilo que constitui a nossa civilização. Deve-se considerar essa pauperização no contexto do crescimento demográfico, que nunca cessa, ainda que seu ritmo diminua. O número de pessoas sobre a Terra será ainda maior, e as exigências de cada uma delas serão maiores. Os habitantes dos países industrializados quererão defender seus privilégios, e os pobres do Terceiro Mundo sentir-se-ão no direito de gozar idêntico bem-estar, sem embargo de oportunidades ainda menores do que hoje. Dentro das fronteiras de cada país, a diferença entre as diversas categorias socioeconômicas será mais acentuada. Quando os homens se decidirem a partilhar da herança incerta de bens evanescentes, as desordens sociais virão acelerar o processo desencadeado pelas rupturas biológicas. A atitude atual dos países que vicejam na opulência, com sua “ajuda caritativa”, já não é solução para esse problema. A invasão dos países ricos por exércitos provenientes do Terceiro Mundo talvez não continue por muito tempo a ser a fábula contada por Jean Raspail⁴.

Aos problemas dos meios de subsistência juntar-se-ão os decorrentes do amontoamento de pessoas. As altas densidades de população têm sérias conseqüências psicológicas, já conhecidas

4 *Le camp des saints*, Paris, Laffont, 1978.

das grandes metrópoles. Elas prefiguram o que afligirá os homens do futuro, quando a humanidade, aumentada em proporção geométrica, deverá concentrar-se em superfícies reduzidas. Tomemos o caso da França, cuja população alguns folgariam em ver duplicada. Longe de colonizar os planaltos desolados, esses franceses excedentes se amontoarão ali onde já se encontra a maioria de seus concidadãos. A vida se tornará difícil em virtude do preço exorbitante dos serviços. E, no entanto, a França ainda não passa de um país razoavelmente povoado. Em outros lugares a situação seria muito pior.

A conjuntura decorrente de um aumento dos convidados ao banquete da vida e de uma diminuição simultânea dos recursos traria conflitos agudos. Não devemos confiar em Teilhard de Chardin, segundo o qual os homens, “pressionando-se uns contra os outros em razão do aumento de seu número e da multiplicação de suas ligações, caminham invencivelmente para a espiritualização, dando ensejo ao aparecimento do ultra-humano”. Mais vale acreditar em Bergson, que proclama: “Deixai Vênus agir à vontade, e ela vos trará Marte”. O aumento da agressividade e o surgimento de novas formas de violência não constituem meros fenômenos sociológicos. Estão ligados à deterioração do conjunto de nossa cultura e a rupturas em múltiplos níveis, conforme ressalta Édouard Bonnefous⁵.

Os problemas resultantes dessa funesta ocorrência acabariam de desorganizar uma economia já de si precária. Nenhum dos sistemas políticos atuais está em condições de enfrentar tal situação, em que pese às pretensões de certos “socialistas”. Sistemas de produção tornados inoperantes, redes de distribuição ineficazes, penúria real de bens de consumo e de energia, desordens sociais e políticas, a ação de ambiciosos, egoístas, pseudolibertadores, ditadores e profetas prefiguram uma sociedade completamente desagregada, sucedendo a uma decadência cujos sinais já se entrevêem.

E não são estes os mesmos sinais observados no fim das civilizações extintas em outras épocas? Historiadores e arqueólogos o evidenciam claramente ao analisar a decadência dos Maias, dos Khmer e de outros povos. Os que viessem depois da nossa civilização industrial — se é que viriam — poderiam epilogar e relatar por miúdo as perturbações políticas, econômicas e sociais que puseram termo às nossas glórias. Analisariam os conflitos que separaram os países movidos por diferentes ideologias, contariam os delitos dos ditadores, e assim por diante. Mas isto seria apenas a descrição de epifenômenos e de efeitos secundários. A causa inicial lhes escaparia, a não ser que invocassem os defeitos de uma civilização que desencadeou grave ruptura entre o homem e os sistemas biológicos responsáveis por sua felicidade e por seus meios de subsistência.

Eis, portanto, o que pode sobrevir à nossa civilização se continuarmos a explorar freneticamente o planeta, como vem acontecendo desde que nossas técnicas nos propiciaram um poder antes de conhecido. Alguns prognosticaram cataclismos geológicos desencadeados por nossos excessos no intuito de predizer o fim de nossa cultura. As possibilidades para isso são ínfimas.

5 *Sauver l'humain*, Paris, Flammarion, 1976.

E, afinal, para que formular tais previsões? Fatores mais imediatos, facilmente perceptíveis pelos homens de boa fé, podem, se o permitirmos, assumir dimensões monstruosas, provocar por si sós o fim de nossa civilização industrial. Como disse Jacques Ruffié⁶, na conclusão de uma análise da origem e da evolução do homem, este, ao fazer um uso tão detestável de seu poder e liberdade, pode deparar-se com um verdadeiro impasse evolutivo. Seu declínio não está na diabólica explosão de um enorme fogo de artifício final, mas numa agonia medíocre abalada por convulsões.

Felizmente, existe outra maneira de escrever a história do futuro. Nossa sociedade industrial pode ainda controlar seus excessos e reformar-se após uma revisão de suas motivações mais profundas e de seus objetivos materiais imediatos. Esta atitude é a única que pode impedir o fracasso. Não podemos perder tempo.

A tentação do ecologismo

Ao lado da busca de soluções reais, quantas utopias propostas nesta época tão rica de idéias falsas e de pseudociências!

As mais generosas dentre elas, e também as mais ilusórias, são proferidas por aqueles que se autodenominam “ecologistas”. Décadas atrás, ninguém realmente se preocupava com o que então se chamava de “proteção à Natureza”, salvo alguns naturalistas considerados excêntricos. O movimento, partindo dos países anglo-saxônicos, adquiriu aos poucos amplitude mundial. Os defensores da Natureza multiplicaram-se, quer entre os cientistas, quer entre os cidadãos comuns. Criaram-se numerosas associações, quase que por geração espontânea.

Passou-se a empregar um vocabulário inédito, sempre trazendo à baila uma palavra-chave: Ecologia, verdadeiro achado, pois seu nome possui uma clara ressonância. Há quarenta anos, os próprios cientistas raramente a utilizavam: o tema não estava ausente de suas preocupações, mas o termo não figurava em nenhum programa universitário. Passou-se então a ensinar Ecologia nos colégios e universidades. E já era tempo. Daí para a frente seu sucesso foi fabuloso. Graças às suas aplicações na utilização do espaço e na exploração dos recursos naturais, a ecologia tem necessariamente implicações políticas. Isto foi a sua desgraça, mas poderá ser a sua oportunidade. Hoje em dia, tudo é ecológico⁷, a palavra converteu-se em lugar-comum. Os biólogos relutam em incluir essa disciplina em seu domínio. Muitos a consideram, atualmente, sinônimo de contestação da civilização industrial. O movimento *ecologista* nasceu do emprego abusivo de um vocábulo usurpado à ciência.

A princípio, esse movimento foi e poderia continuar a ser uma reação sadia contra a

⁶ *De la biologie à la culture*, Paris, Flammarion, 1976. Um livro para se ler e meditar.

⁷ Mesmo a alta costura: um de seus mais eminentes representantes não hesitou em afirmar que os vestidos de sua próxima coleção teriam cores “ecológicas”, pois mostrariam os matizes das folhas mortas no outono. Naquela época, o verde ainda não estava na moda.

dilapidação dos recursos da terra, contra a industrialização intempestiva e a urbanização por demais rápida e mal planejada, em completa e violenta ruptura com tradições e modos de vida de tempos passados ainda vivos. E também contra os aspectos desumanos da civilização moderna, a qual despersonaliza e funde os indivíduos numa massa anônima.

Em meio a idéias justas e generosas, não tardaram a surgir as utopias. Uns, rejeitando a civilização industrial, foram refugiar-se na vida primitiva, no seio de comunidades entregues a uma vida frugal, restaurando num rincão qualquer uma economia bucólica de há muito devorada pela charneca e pelo mato. Tentaram, com toda sinceridade, reencontrar as raízes de uma existência primitiva e autêntica, em meio a tocantes excessos e a uma desconcertante mistura de filosofia extravagante, passadismo exacerbado e boas noções de Ecologia. Ressurgimento das idéias de Rousseau, de Maistre, de Maurras ou de Barres? Diga-se de passagem, aliás, que isto foi feito de maneira ferozmente reacionária por pessoas vestidas de folclóricos “jeans” e maxissaias. Semelhante atitude não deixa de suscitar simpatia, porquanto traduz uma tomada de consciência e uma reação contra os males de uma sociedade estigmatizada por uma técnica materialista que aos poucos invade nossa existência, levando insidiosamente à progressiva negação da personalidade. Claro está que o refúgio num modo de vida pleno de pureza e primitivismo só é possível, hoje, ao nível do indivíduo.

Apesar de tudo, cumpre não esquecer os inegáveis benefícios de nossa civilização. O leitor deste livro por certo está (como o autor) confortavelmente instalado numa casa que se pode aquecer e iluminar à vontade, bastando apertar alguns botões. Dois séculos atrás, com toda probabilidade ele já estaria morto aos cinquenta anos de idade, e no tempo das cavernas ele teria pouca esperança de passar dos trinta. Essas conquistas não serão questionadas, de maneira séria, nem pelos homens dos países industrializados nem pelos do Terceiro Mundo, cuja única esperança para sair de sua terrível miséria reside na industrialização.

Basta, pois, de entoar louvores ao passado. “Não retornemos à diligência”, dizia Thierry Maulnier. Da mesma forma, não nos deixemos levar pelo agastamento em relação à vida moderna, o qual se traduz em murmúrios indefinidos e muitas vezes em mau humor, por parte daqueles a quem Louis Leprince-Ringuet⁸ chama de “esquerdas de ricos”. Os que temem o ano 2000 devem convencer-se de que nem tudo é ruim no progresso científico e técnico, razão pela qual não se justifica temê-lo.

As pessoas se comprazem em entregar-se ao irracional, ao medo da ciência e das suas realizações. A “poluicionite” não cessa de dar assunto à crônica, com seus mares mortos e sua atmosfera deletéria. A energia nuclear é o grande cavalo de batalha. Todos hão de concordar que essa nova energia não deve, de forma alguma, favorecer um crescimento econômico exagerado. Portanto, deve-se exigir que a liberação do poder do átomo seja cuidadosamente controlada, e que todos os cidadãos sejam amplamente informados das situações reais.

Entretanto, combater essa forma de energia com falsos argumentos, suscitar dúvidas e cultivar equívocos, insurgir-se contra qualquer forma de progresso científico e técnico, tudo isto

8 *Le Grand merdier ou l'espoir pour demain?*, Paris, Flammarion, 1978.

constitui crime contra o homem e uma falta para com a causa que se defende. Procura-se habilmente criar a confusão entre central nuclear e bomba atômica. A usina nuclear — costuma-se proclamar ou, pior, insinuar — é a explosão, a radiatividade, o câncer. Sem dúvida um acidente sempre é possível, e alguns deles são realmente muito graves. Mas esquece-se de dizer que não houve nenhum acidente sério a ser deplorado após vinte anos; nenhum dano real causado aos homens ou à Natureza pela indústria nuclear. Pela primeira vez em sua história, o homem criou uma nova técnica após avaliar previamente os perigos e definir as condições de aplicação. Nunca se fala sobre isso; prefere-se jogar com os sentimentos de um público inclinado a temer aquilo que não compreende e mantido na ignorância por tecnocratas cuja segurança irrita⁹.

Contudo, os mais extremistas dos chamados “ecologistas” nem por isso deixam de cantar a idade bucólica e mesmo de manifestar seu grande medo pelo futuro da ciência. A “ecologia de charlatães” (Édouard Labin), com suas visões apocalípticas e sua permanente histeria, é mãe da violência. De fato, há quem chegue a questionar a civilização ocidental em seu conjunto. Sua atitude em face da energia nuclear é, sob este aspecto, perfeitamente sintomática. Sua hostilidade não é determinada tanto pelo medo de seus perigos quanto pela intenção de demolir uma forma de civilização que tem, é claro, os seus vícios, mas também suas virtudes. São por demais conhecidos os excessos e violências provocados por esta nova forma de niilismo.

Esqueçamos a profunda decepção causada pela atual situação do ecologismo, dividido entre a ingenuidade, o sofisma e a agressão. E vejamos o que existe de sadio nesse generoso impulso. Em primeiro lugar, por que um tal movimento?

Sua própria criação e o papel desempenhado pelos “ecologistas” em determinados acontecimentos políticos (por exemplo, durante as recentes eleições) não devem ser censurados¹⁰. Todo programa político há de ter, necessariamente, implicações ecológicas, assim como a Ecologia tem suas implicações no plano econômico pelo fato de este levar em conta a gestão dos recursos naturais e a utilização das terras. Assim sendo, toda política deve ter em vista o fato ecológico, e inversamente, a Ecologia sempre desemboca na política por via de suas aplicações.

Quaisquer que sejam as opções, a Ecologia deveria ser uma das bases de reflexão de todo político. Com efeito, os dirigentes de países com regimes políticos, sociais e econômicos bastante diferentes começaram há algum tempo a assimilar alguns dos grandes princípios ecológicos e a

9 Apesar dessas incertezas e das resistências ainda sensíveis, os franceses acham, em sua grande maioria, que o país não poderá privar-se da energia nuclear e que seria danoso parar o programa de instalações ora em curso (pesquisa SOFRES-Figaro, dezembro de 1978).

10 Sem fazer a exegese do papel político do “ecologismo” na França, vale a pena lembrar suas vicissitudes. Seus defensores saíram-se bem nas eleições municipais de 1977. O quadro de vida e as preocupações diárias motivam os eleitores neste nível. Em compensação, foram derrotados nas eleições legislativas de março de 1978. Devemos alegrar-nos com isso? Sim e não. Sim, porque isto mostra que os eleitores estão desconfiados dos exageros e da agitação promovidos em torno de falsas promessas. Não, porque este fracasso traduz uma tomada de consciência precária do corpo eleitoral, que ainda não está preparado para abandonar as discussões inúteis e atacar os verdadeiros problemas. É verdade que a jogada é outra, todo mundo sabe disso. Mas é de notar o sucesso relativo dos “ecologistas” nas eleições européias.

integrá-los em seus programas. A França tomou a iniciativa de criar um Ministério de Proteção à Natureza, mais tarde denominado Ministério da Qualidade de Vida, posteriormente da Cultura do Meio Ambiente e enfim do Meio Ambiente e do Quadro de Vida — na verdade, porém, ele sempre foi o Ministério do Impossível (Robert Poujade). Essas mudanças de nome refletem a extensão de suas atribuições e a necessidade de associar a proteção da Natureza à eliminação dos diversos danos que ameaçam tanto esta como o bem-estar do homem.

Então por que lançar, nestas condições, um movimento ecológico com o risco de convertê-lo num partido entre muitos outros, em vez de trabalhar para que a Ecologia seja daqui por diante um dos componentes essenciais de cada partido e uma das bases de seus programas? Não estaria esse partido arriscado a afogar-se em meio às famílias políticas, sem vivificar a nenhuma delas? Tal movimento, entretanto, é necessário porque a sociedade industrial só poderá regenerar-se se escapar ao estreito sistema dentro do qual estamos encerrados. As discussões bizantinas sobre determinadas concepções do liberalismo e do socialismo parecem estar completamente ultrapassadas. No contexto contemporâneo da evolução das sociedades industrializadas ou daquelas que pretendem atingir esse estágio, as querelas políticas recendem insuportavelmente a anacronismo, tanto mais que as idéias confrontadas não questionam um sistema vetusto de exploração da Natureza e de seus recursos, subjacentes a todas as nossas ideologias partidárias. O risco é outro, e as disputas são tão inócuas quanto as argúcias que, na França, antecederam a queda do Império. O movimento ecologista poderia trazer uma nova doutrina, contribuindo assim para uma mudança radical no curso dos acontecimentos.

Ao lado dos que militam sinceramente em seu âmbito, partamos em busca de soluções realistas. Esqueçamos os excessos e uma longa série de absurdos consternadores. As grandes idéias liberais da Revolução Francesa não nasceram por acaso de idéias confusas? O mesmo aconteceu com as doutrinas socialistas do século passado, quase sempre expressas numa fraseologia pomposa e ridícula. Façamos uma triagem dessas idéias e conservemos as mais concretas, ou seja, aquelas que repousam sobre bases objetivas. Senhores “ecologistas”, sejam sérios! Continuem a ser a consciência dos tempos modernos, mas evitem os excessos que lhes tiram o crédito num domínio onde sua ação precisa ser original e benéfica.

Em busca de uma mudança de civilização

Uma civilização de tipo industrial é, doravante, a única capaz de acudir às necessidades de uma humanidade numerosa e exigente, bem como de propiciar sua expansão.

O tipo de civilização, porém, não importa. Em todo caso, não aquela em que se transformaria a nossa, se continuássemos a exagerar seus defeitos. Sua forma atual requer uma profunda remodelação, do contrário ela acabará na tristeza ou na tragédia, tal como as que se extinguíram no passado, vítimas da rebelião dos homens contra as leis do mundo vivo.

Costuma-se considerar a idade atual como uma época de decadência. Evitemos emitir um julgamento sumário e comportar-nos como velhos que só falam de sua juventude em termos enternecidos, sempre a lembrar a beleza dos dias idos. A erva é mais verde em outros campos, sobretudo quando esses campos se localizam no passado.

Sem dúvida, a época atual apresenta sintomas de decadência. Já não crê na tradição e muito menos no progresso. Gerações desorientadas renegam os valores do passado e não atribuem a mínima importância ao futuro. A história, de maneira um tanto estranha, adquiriu ultimamente tintas de crepúsculo. Jean d'Ormesson¹¹ observa-o com tristeza, ajuntando que deixamos de acreditar nos papais noéis da história.

Isto não deixa de ser verdade. No entanto, poucas são as épocas não ofuscadas por recuos, fins de linha, sonhos desfeitos. Haja o que houver, compete-nos recusar a idéia de decadência. Caso contrário, só nos restaria concentrarmo-nos em nossa insignificância pessoal e aguardar a morte, à semelhança de animais feridos, ou mergulhar no deboche, como fizeram os romanos.

O tempo em que vivemos é a aurora de uma nova era. A decomposição de uma cultura prepara o advento daquela que a sucederá, ou então o seu próprio rejuvenescer. As folhas que recobrem o solo da floresta não passam de matéria pútrida, pasto de imundos animalejos. Não obstante, é delas que vão brotar as árvores do futuro.

No plano material, passamos de uma crise a outra, e isto, com justa razão nos aflige, causando mil preocupações em cada um de nós.

Lamentamos o fim da *belle époque*, a expansão de nossa economia pelo mundo e a notável e anormal estabilidade do franco germinal. A crise... vemo-la em toda parte, é uma crise ubíqua, nos espíritos e nos fatos, no petróleo e no mundo dos negócios, nas Igrejas e nas capelas políticas, no Oriente Médio e em cada aldeia.

É normal queixar-se dela, incômodo sofrer-lhe os efeitos. As crises, porém, constituem o dia-a-dia dos homens. São, para eles, a coisa mais familiar, salvo no curso de breves períodos, talvez felizes, mas em geral pouco estimulantes para quem os viveu. A crise é um fenômeno biológico necessário à manutenção da vida. Uma célula que se divide, repartindo em porções rigorosamente iguais seu patrimônio genético e seus múltiplos componentes, está em crise. Sem esta, não haveria senescência e interrupção do tecido da vida. Cada espécie, por sua vez, está em crise permanente, e é graças a ela que a matéria viva evolui e se transforma incessantemente para ordenar-se neste rio móvel de milhões e milhões de anos. Que crise quando os primeiros peixes munidos de patas rudimentares subiram pela terra para se transformar em batráquios, ou quando répteis mais astutos que seus congêneres tiveram a idéia de converter-se em mamíferos!

A época atual não é a de uma decadência generalizada. É, sim, a de uma crise profunda, oferecendo por isso mesmo a melhor ocasião para uma grande renovação, para uma regeneração de nossa civilização industrial em cada um de seus aspectos, sobretudo no que se refere às relações do homem com o imenso sistema biológico do qual ele constitui a fração pensante. Por uma mudança radical nos modos de exploração e nas nossas relações com a Natureza, sem

11 *Le vagabond qui passe sous une ombrelle trouée*, Paris, Gallimard, 1978.

choques mas com firmeza, cabe-nos evoluir para uma harmonia de há muito perdida.

Ao restabelecer a ordem do mundo, tenhamos o cuidado de não pensar apenas em função dos países altamente industrializados. Devemos corrigir os excessos da civilização e da cultura a que demos nascimento antes de propô-las ao mundo. Ao mesmo tempo, cumpre livrar-nos dos complexos de inferioridade que tão freqüentemente afligem os países tecnologicamente avançados. Mantemos um avanço científico considerável, e a Europa, a América do Norte, o Japão e algumas outras nações continuarão a deter a liderança nas décadas vindouras, ou mesmo por mais tempo, desde que não renunciem nem àquilo que fez sua glória nem à sua fé no mundo do futuro.

Acautelemo-nos contra o processo de difamação de uma cultura que não é mero acidente no curso da história. Toda civilização tem seus méritos, e é necessário manter a pluralidade das civilizações entre as quais se deve instaurar um diálogo. Não há razão para nos tornarmos detratores sistemáticos da cultura ocidental, à maneira de Roger Garaudy¹² e de tantos outros, ainda mais virulentos que ele.

Posto isto, cabe-nos reconhecer que os homens da velha cultura européia representam somente uma fração da humanidade. Em decorrência da ascensão do Terceiro Mundo, o equilíbrio se encontra em plena fase de deslocamento, e os grandes eixos correm o risco de um dia passar, não através de nossos países, mas de outros. A Europa Ocidental e Setentrional suplantou progressivamente o Mediterrâneo no fim do Império Romano. Amanhã, os países dominantes poderão ser a China renascida, o Brasil, algumas nações africanas, a Austrália; mas isto não quer dizer que os atuais líderes do cenário devam desaparecer. E num contexto universal que os homens precisam encontrar as soluções para seus problemas imediatos.

Torna-se indispensável que os países subdesenvolvidos alcancem logo uma civilização industrial renovada, isenta das taras que maculam a nossa, evitando nossos próprios erros. Alguns peritos, notadamente os que fazem as mais célebres projeções sobre o futuro, ainda estão convidando os países do Terceiro Mundo a ignorar as conseqüências da urbanização desenfreada e da industrialização selvagem. Não haveria outras perspectivas senão passar pelas funestas experiências de nossa história e sacrificar o ambiente em favor do desenvolvimento, como se a preservação do quadro de vida já não fosse um componente essencial. Atitude absurda por parte de futurólogos ainda impregnados dos esquemas do passado!

Não é o caso de exigir dos africanos que preservem os elefantes e antílopes dos parques nacionais, para divertimento de alguns bilionários europeus e americanos, frustrados por seus ancestrais terem exterminado a grande fauna desses continentes. A verdadeira razão é que a preservação de um capital natural desse valor faz agora, necessariamente, parte de um plano de desenvolvimento. É de igual modo ridículo e descortês exigir que os brasileiros conservem intacta a floresta Amazônica, como “pulmão da Terra”, enquanto devastamos largamente as florestas temperadas e pilhamos as dos trópicos. Em contrapartida, os brasileiros devem compreender que é de seu próprio interesse pararem de destruir a floresta úmida e de substituí-la por culturas,

12 *Pour un âialogue des civilisations*. Paris.Denoël, 1977.

segundo as mesmas práticas de outrora.

A nova civilização deve ser mundialista no verdadeiro sentido da palavra. Seu advento poderá ser a oportunidade para uma renovação nos países de tecnologia avançada, ora em plena crise e ainda submetidos a estruturas antiquadas. Para os países em desenvolvimento, poderá surgir a aurora de uma verdadeira civilização moderna, em harmonia com suas características e suas aspirações.

Como agir agora

A civilização industrial, tal como se apresenta hoje em dia, deve ser corrigida em três níveis diferentes. Primeiro, no da pesquisa científica: só a ciência e sua filha, a tecnologia, podem fornecer bases seguras, indispensáveis à sadia conduta de nossos empreendimentos. Em seguida nossa reflexão deve voltar-se para o plano político: a gestão dos negócios dos Estados e do mundo deverá levar em conta tanto os ensinamentos objetivos da ciência, quanto os imperativos socioeconômicos legítimos. Finalmente, e sobretudo, cumpre-nos definir uma nova filosofia do homem e da Natureza, descobrindo o código de uma ética original e de modos de pensar diferentes.